

Vivência de biblioterapia no núcleo de estudos da terceira idade (NETI/UFSC): relato de experiência

Living of bibliotherapy in the nucleus of studies of the third age: experience report

Evandro Jair Duarte

Pesquisador do Laboratório de Estudos em Biblioterapia, Bibliotecas Escolares e Leitura do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutorando e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC). Especialista em Gestão da Informação e Inovações Tecnológicas pela Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER/UNINTER). Bacharel em Biblioteconomia – Habilitação em Gestão da Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bibliotecário da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPESC). E-mail: evandrojairduarte@gmail.com

RESUMO: Experiência profissional de aplicação da vivência em Biblioterapia no Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) durante o mês de junho de 2018. Tem como objetivo aplicar a Biblioterapia de forma prática e vivencial com o intuito de verificar o desenvolvimento do método biblioterapêutico descrito por Caldin (2001). Como objetivos específicos: a) desenvolver a vivência de Biblioterapia no NETI/UFSC; b) realizar o encontro entre o texto biblioterapêutico e os ouvintes; c) interagir com os participantes da Biblioterapia por meio da leitura de histórias; d) dialogar com o intuito de interpretar e comentar sobre temáticas da obra principal da Biblioterapia. Como resultados, pode-se aplicar o método biblioterapêutico no NETI/UFSC em que o texto principal foi *A Moça Tecelã* de Marina Colasanti, este foi lido e analisado pelos participantes com o intuito de comentar, dialogar e interpretar livremente sobre as temáticas por eles levantadas.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioterapia. Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI. Literatura – poder terapêutico.

ABSTRACT: Report about application of the experience in Bibliotherapy at Nucleus of Studies of the Third Age of the Federal University of Santa Catarina during the month of June, 2018. Its objective is to apply the Bibliotherapy in a practical and experiential way with the intention of to verify the development of the literature method described by Caldin (2001). As specific objectives: a) to develop the experience of Bibliotherapy at Nucleus of Studies of the Third Age; b) to hold a meeting between the bibliotherapeutic text and the hearers; c) to interact with the participants of Bibliotherapy through the reading of stories; d) dialogue with the intention of interpreting and commenting on themes of the main work of Bibliotherapy. As a result, the bibliotherapeutic method can be applied at Nucleus of Studies of the Third Age, where the main text was Marina Colasanti's *The Wea-*

ver Girl, this one was read and analyzed by the participants with the intention of commenting, dialoguing and freely interpreting on the themes raised by them.

KEYWORDS: Bibliotherapy. Nucleus of Studies of Third Age. Literature – power therapeutic.

1 Considerações iniciais

A A Biblioterapia é a oportunidade de uso do texto literário para oportunizar aos interagentes do texto e da história um contato com a característica terapêutica da obra literária, esta que Caldin (2001) chama de pacificação das emoções, como algo sedativo e curativo.

É nesta seara que apresento este relato de experiência profissional. Trata-se de uma descrição de cunho fenomenológico e, assim sendo, peço a permissão para a escrita em primeira pessoa do singular. Por se tratar deste tipo de pesquisa tenho esta permissão. Tendo em vista que a fenomenologia, segundo Creswell (2010, p. 38), “[...] é uma estratégia de investigação em que o pesquisador identifica a essência das experiências humanas, com respeito a um fenômeno, descritas pelos participantes.”

O pesquisador pode trabalhar com a fenomenologia pela perspectiva de Merleau-Ponty (2010, p. 2) que a conceitua como “uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais [...]”. Nada mais é do que a experiência como ela é e como ela é vivida pelos que experienciaram o fenômeno.

Desta feita, apresento a experiência de minha primeira aplicação da vivência em Biblioterapia sozinho e em uma estrutura teórica, conceitual e prática que a marca como atividade terapêutica por meio da mediação do livro e da leitura.

No ano de 2018, estou vivenciando o meu segundo ano de doutorando em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC), sob a orientação da professora doutora Clarice Fortkamp Caldin. Juntos nós investigamos a Teoria do Efeito Estético, embasada em Wolfgang Iser e a Biblioterapia para o desenvolvimento da tese.

Por esta oportunidade de estudo em Pós-Graduação é que surgiu outro ensejo: de desenvolver atividades do estágio de docência no Curso de Biblioteconomia pela mesma universidade (UFSC). Juntamente com a professora titular da disciplina

de Biblioterapia, no primeiro semestre de 2018, a doutora Marli Dias de Souza Pinto, pude estar em sala de aula e ministrar a disciplina desde seu início até a sua conclusão. Com a oportunidade de verificar a teoria e a prática com os alunos matriculados. Sempre em parceria com a professora titular da disciplina e da orientadora do doutorado.

Sendo assim, durante a experiência do estágio de docência, no mês de maio de 2018, eu recebi o convite de outra professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para ministrar uma fala sobre Biblioterapia e realizar a prática da vivência com os alunos do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC (NETI/UFSC). Convite este que aceitei de pronto e no dia 6 de julho de 2018 já estava vivenciando e permitindo outros a viverem comigo esta experiência singular.

Diante deste contexto, considero que a oportunidade para trabalhar com a leitura e o poder terapêutico que ela carrega é um privilégio. Tendo em vista que a leitura pode ser agradável e, ainda ter o poder de trazer benefícios aos que dela desfrutam.

Considero que é fundamental disseminar essa potencialidade com outras pessoas. Tenho como objetivo principal “aplicar a Biblioterapia de forma prática e vivencial com o intuito de verificar o desenvolvimento do método biblioterapêutico descrito por Caldin (2001)” Como objetivos específicos, considero: a) desenvolver a vivência de Biblioterapia no NETI/UFSC; b) realizar o encontro entre o texto biblioterapêutico e os ouvintes; c) interagir com os participantes da Biblioterapia por meio da leitura de histórias; d) dialogar com o intuito de interpretar e comentar sobre temáticas da obra principal da Biblioterapia.

É neste cenário que a Biblioterapia e a prática vivencial entra na história deste relato. A Biblioterapia é vista por alguns aplicadores como sendo a possibilidade de prescrição de material de leitura para pessoas que tem o objetivo de nutrir e manter a saúde mental. Sendo um processo dinâmico e que permite a interação do leitor com a obra em uma relação imaginativa, promovendo a catarse e permitindo a liberação das emoções (SHRODES, 1949).

Segundo Caldin (2001), a Biblioterapia é a oportunidade de se trabalhar com a leitura dirigida e propiciar a discussão em grupo, sendo a prática o pretexto para a interação entre pessoas com o intuito de expressarem sentimentos e expurgá-los por meio do diálogo e da percepção de que há solução para os mais diversos tipos de problemas, em uma troca de experiências e valores humanos. Pode ser entendida

como catarse, sendo que esta se vale da identificação, da introspecção e do humor para potencializar o poder terapêutico da literatura e seus benefícios.

Os benefícios da Biblioterapia são vários e para citar somente alguns que se relacionam com o público-alvo do encontro, posso citar os seguintes: conhecer experiências em segurança; experimentar e libertar sentimentos e emoções; aliviar tensões, angústias e medos; aproximar pessoas; encorajar pessoas; crescer o lado emocional e psicológico humano; desenvolver o imaginário; criar condições de liberdade de escolhas; ampliar a visão de pontos de vistas; aumentar a auto-estima; ajudarna resolução de problemas; aproximar as pessoas; diminuir a timidez; fortalecer as relações humanas; auxiliar no convívio; ativar a imaginação; autorizar a interpretação; permitir a expressividade; induzir à reflexão; permitir a interação; possibilitar a troca e compartilhar experiências e saberes; ajudar a entender as emoções; fazer-nos ter conhecimento de nós mesmos; aumentar a sensibilidade social, entre outros (RATTON, 1975; BUENO, CALDIN, 2002; CALDIN, 2002; PINTO, 2005; SEITZ, 2005; LIMA, CALDIN, 2013; FONSECA, 2014).

Nesse contexto, posso dizer que o objetivo deste trabalho é verificar na prática o desenvolvimento do método biblioterapêutico da vivência em Biblioterapia baseado em Caldin (2001). O método biblioterapêutico precisa de planejamento para dinamizar e ativar a existência humana por meio da linguagem, fortalecendo a palavra, dando a ela o foco principal, pois a linguagem é fundamento da Biblioterapia, permeada pelo diálogo. Na interação entre os envolvidos da prática biblioterapêutica está o texto que é o objeto intermediário da ação. Ele é quem abre o espaço para os comentários e as interpretações. Cada interpretação é válida e a produção de novos sentidos é bem-vinda. O texto protagoniza e tem o suporte terapêutico durante o encontro entre ouvinte e leitor. Seguindo, ainda, com a linha de pensamento de Caldin (2001, p. 37), a autora declara que “Além da leitura, os comentários, os gestos, os sorrisos, os encontros são também terapêuticos à medida que fornecessem a garantia de que não estamos sozinhos. O texto une o grupo.”

Dessa forma, posso estruturar o método biblioterapêutico e descrevê-lo com os seguintes aspectos: a) público-alvo da pesquisa; b) textos utilizados na prática; c) forma de apresentação do texto; d) ambiente do encontro para a vivência; e) preparativos para aplicação da vivência; f) imprevistos; g) diálogo; h) interação. Assim, é possível registrar a prática da aplicação da vivência em Biblioterapia.

2 Vivência de Biblioterapia: a prática

O público que estava por receber a aplicação da Biblioterapia é o correspondente aos participantes do NETI/UFSC. Foram atendidas todas as pessoas que estavam inscritas no núcleo. São pessoas da terceira idade, e que têm certo grau de instrução. Um dos objetivos do NETI/UFSC é “Realizar treinamentos, palestras e consultorias na área gerontológica” (NETI, 2018, s. p.). Um objetivo que está atrelado ao princípio de ser o homem um ser que é capaz de se realizar no mundo, além do constante aprendizado e da participação na sociedade por meio de discussão e diálogo (NETI, 2018).

Para a vivência, a proposta é a utilização de alguns textos literários variados, passando por Hervé Tullet, visitando Luis Fernando Veríssimo, fazendo conhecer um texto de autoria anônima e com a tradução de Mamede Mustafa Jarouche e focando no texto de Marina Colasanti. O objetivo da leitura destes textos está na verificação da teoria e prática do método da Biblioterapia e tem foco nos benefícios referentes ao bom convívio humano no coletivo. A seleção das benesses está descrita na seção anterior, apaziguando ânimos, sentimentos e emoções, bem como permitindo interpretações e a imaginação para a expressividade da reflexão, possibilitando a interação e partilha de experiências e saberes. Como, também, a busca pela sensibilização social perante o outro e suas particularidades.

Nesse sentido, a forma de apresentação dos textos foi a da leitura em voz alta, por mim realizada. Como ambiente para o encontro da vivência, foi reservada a sala número 2 do Centro Sócio Econômico (CSE) da UFSC. Para o atendimento do convite realizado pela professora da turma, selecionei algumas histórias que pudessem encontrar no público um lugar de recepção. Assim, escolhi quatro histórias dos autores mencionados anteriormente, por se tratar de textos de humor e aproximação da realidade social humana.

Pensei nas possibilidades de imprevistos, como: alguma pessoa precisar sair antes e ir embora, alguém chegar à sala durante a leitura do texto ou da prática de relaxamento, o computador ou datashow não funcionar, entre outros aspectos. Assim, me preparei para cada um destes possíveis imprevistos.

Como um dos imprevistos era o do não funcionamento do computador e datashow, a conversa e a explanação oral precisariam ser bem pensadas. Como a Biblioterapia necessita do diálogo para a expressão da interpretação, do que foi refletido e entendido naquele momento, do ponto de vista de cada um, fui para o encontro com o conteúdo memorizado e as histórias lidas e relidas. Levei os livros

utilizados e já marcados nas partes em que as histórias se encontravam no caso o texto de “O homem trocado” de Luis Fernando Veríssimo e “O gasto de luz” de autoria anônima.

A interação ocorreu em diversos momentos da leitura de história. No texto “Aperte aqui” todos foram convidados a participar, tocando, apertando, soprando, batendo palmas, entre outras interações. Da conversa sobre o texto principal, todos interagiram com o texto e fizeram reflexões sobre a temática. Irei relatar a seguir o quanto o método foi explorado, enquanto descrevo a prática na íntegra.

No dia 6 de junho de 2018 fui para a UFSC e me direcionei até o prédio do CSE, onde está a sala de número 2, no piso térreo. Este foi o local de encontro da turma do NETI/UFSC. A bolsista da disciplina ministrada pela professora que me fez o convite estava presente, me aguardando e repassando as informações sobre os alunos e sobre o propósito do encontro daquele dia.

Pouco a pouco os alunos foram chegando e eu estava arrumando os livros sobre a mesa e os recebendo com o desejo de boa tarde a todos. Eles iam se acomodando e conversando até o momento do início das atividades no horário marcado, que foi às 14 horas.

Iniciei contando um pouco sobre mim e sobre a minha formação, sempre permeada pelos livros e pela leitura literária. Foi a forma que encontrei de me aproximar um pouco mais deles, contando um pouco sobre mim e minha vida, deixando aberto o caminho para o diálogo que estava por vir.

Após a breve apresentação fiz um convite a todos para que pudessem “se permitir” a participar, a voltar a ser criança, a deixar de lado a timidez ou qualquer outra “coisa” que pudesse inviabilizar as práticas por mim propostas. Eles concordaram em participar da experiência. Assim, eu contei a seguinte história para eles: “Aperte aqui” da autoria de Hervé Tullet. Um livro da Coleção Giramundo, que permite a interação do ouvinte participante. Durante a história, o ouvinte participante era convidado a apertar e tocar nas imagens da obra literária, participar com sopros e palmas. Experiência que permitiu o acesso ao riso e ao humor, pois a história era engraçada e divertida, além de trabalhar com cores, contagem, direção (esquerda e direita), observação e atenção - só para citar algumas experimentações durante a leitura de histórias. Eles gostaram de participar da leitura e de ouvir a história. Ficaram mais soltos para o convite da

vivência que viria com o texto de Marina Colasanti.

Na sequência, expliquei que a professora deles havia me feito o convite para falar de livros, leitura e Biblioterapia. Expliquei o que era a Biblioterapia, e utilizando o conceito de Shrodes (1949), mostrei que poderia ser vista como a prescrição de material de leitura, com o intuito de nutrir e manter a saúde mental da pessoa. Mas, que não era foco da aplicação de Biblioterapia voltar-se para a área da saúde ou se envolver com a medicina ou a psicologia. É importante ressaltar que Shrodes (1949) também trabalhava com o desenvolvimento cognitivo e humano - foco de minha aplicação biblioterapêutica - em que um processo dinâmico ocorre entre o leitor e a literatura, permitindo a ativação da imaginação e das emoções de quem ouve e lê uma obra literária.

Shrodes (1949) alertou que a Biblioterapia pode libertar as emoções para usar, conscientemente, e de modo produtivo o que se obtém deste processo criativo. Assim, a Biblioterapia pode ser vista como uma abertura para a produção de novos saberes e conhecimentos, já que a literatura contribui para a abertura da imaginação, da reflexão, da interpretação e do diálogo. Contribuindo também para a criação textual, expressão do registro humano sobre suas ideias e experiências no mundo vivido.

Informei aos participantes que Caldin (2001) percebeu a Biblioterapia como possibilidade da leitura dirigida e para a discussão em grupo. Assim, os textos podem ser escolhidos de acordo com a temática que o grupo deseja trabalhar. Tendo em vista que a prática biblioterapêutica e o uso do diálogo favorecem a interação entre pessoas. Nesta interação há a possibilidade da expressão dos sentimentos, sendo eles: receio, angústia, anseio, alegria, humor, entre outros. Mostrando ao ser humano que há soluções para os mais diversos problemas da humanidade e que muitos estão refletidos nas histórias. A partilha e a troca de experiência permitem a reflexão e ajuda a aliviar tensões.

Mencionei que logo após a minha fala sobre os conceitos, nós iríamos experienciar as possibilidades que a Biblioterapia poderia nos oferecer, segundo o que Caldin (2001) mencionou enquanto conceito. Fiz um relato dos benefícios da Biblioterapia, como as já citadas na introdução deste texto e os convidei a um exercício de relaxamento, como forma de tentar levá-los à concentração e atrair a atenção dos participantes para a leitura da história. Assim, uma música com fundo tranquilo e barulho de águas correntes auxiliou o aplicador da Biblioterapia no desenvolvimento

da atividade. Propus que eles sentassem tranquilamente e reajustassem a respiração, conduzindo-os a inspirarem e expirarem junto comigo. Enquanto eu narrava o exercício, juntamente íamos desacelerando e concentrando naquele lugar e naquele espaço. Dessa forma, um exercício de respiração, concentração e imaginação foi proposto e todos participaram.

Neste ponto do encontro é que aproveitei o clima criado pelo relaxamento e iniciei a narrativa da história central da Biblioterapia: “A Moça Tecelã” de Marina Colasanti, texto com ilustrações, que são os bordados das irmãs Ângela, Zulma, Marilu, Martha e Sálvia Dumont e da mãe Antônia Dumont. O trabalho das bordadeiras foi realizado sobre os desenhos de Demóstenes Vargas. A obra foi publicada pela editora Global.

Resumidamente, pode-se dizer que é a narrativa de uma moça que vivia a tecer e era o que ela gostava de fazer. O que ela necessitava, ela tecia e logo já tinha para si aquilo que precisava. No entanto, dia após dia tecendo histórias e sentimentos, veio-lhe a vontade do casamento e teceu um marido. Feliz com a chegada do marido ela pensou em filhos e ele pensou no que poderia obter por meio do seu tear e do que a mulher pudesse tecer para ele. Tudo seria tecido e ele obteria tudo o que dali fosse produzido. A mulher, cansada e triste com o egoísmo e a ganância do marido, em certa noite, resolve destecer tudo, inclusive ele, e voltar à sua vida simples e feliz de antes.

Terminada a narração da história, foi aberto ao grupo o momento da oportunidade da fala e do diálogo sobre a temática da história. As falas poderiam girar em torno daquilo que a história provocou, incomodou ou permitiu experienciar e relembrar, ficando aberta a interpretação e a comunicação. De início, os participantes demoraram a se soltar, posteriormente, contribuíram com a socialização do que perceberam na obra e sentiram enquanto ouviam o texto.

No diálogo e na interação, uma participante mencionou algo sobre a personalidade da Moça Tecelã, ela disse: “Ela não foi feliz porque ela viveu a história de outra pessoa”. Eles perceberam que a moça “Só fez aquilo que o marido mandou”. No entanto, eles consideraram que “Ela foi construindo a história, ela foi construindo uma história e ela tinha essa questão de [querer] ter o marido e quando ela teve o marido os objetivos dela, ela não alcançou e por isso que ela desfez”. Uma observação de outro participante reafirmou esta tristeza da Moça Tecelã, ele disse: “Acho que o marido que ela imaginou não foi aquilo que ela pensou, se decepcionou”. Outro

complementou dizendo: “Houve uma curva né? Antes dela arrumar aquele belo daquele marido, ela não atingiu o objetivo final dela para atender o bendito marido e desfez”.

Os participantes iniciaram a conversa em torno da Moça Tecelã e da vida que ela levava, de seus anseios, de suas alegrias e tristezas, bem como a submissão perante o marido idealizado e desejado. Deste ponto em diante o diálogo girou em torno da vida e do relacionamento da Moça Tecelã, refletiram sobre esses assuntos e uma pessoa disse o seguinte: “A gente, por uma paixão, por você ver aquela pessoa como a mais importante que você mesmo, deixa de fazer as tuas coisas né, e faz para agradar o outro e chega o momento que aquilo não tem mais sustentação, porque você faz, faz, faz e você vive em segundo plano”. Os participantes perceberam que a entrega a uma paixão e se colocar na posição inferior dentro de um relacionamento é algo prejudicial e destrutivo. Outra pessoa complementou esta ideia e reflexão dizendo: “Ele não entrou no mundo dela, na emoção dela”. Constatação de que no relacionamento a entrega era unilateral, a Moça Tecelã entrou de corpo e alma na paixão pelo homem que ela idealizou e trouxe para sua vida. No entanto, ele não viveu a mesma entrega.

A conversa teve outro direcionamento também. Em determinado momento uma das participantes mencionou acerca do olhar de quem está de fora da situação, assim como do olhar sobre as aparências que se tem da vida de outra pessoa. Foi dito o seguinte: “A história é pra gente pensar, né? Então, quando a gente conversa com uma pessoa, pensamos: puxa essa pessoa é feliz e alegre né? E, geralmente, essas pessoas são pessoas que são felizes com aquilo que têm, pessoas bem humoradas e é muito comum né... a gente tá sempre insatisfeita: ah se eu tivesse um filho! Ah se eu tivesse um marido! Ah se eu tivesse um namorado! Tá sempre achando que o outro é que vai fazer que a tua vida [ideia inconclusa] nesta história tá muito claro isso né? Que a gente valoriza aquilo que a gente tem. Parece que ela colocou as suas perspectivas no marido, né e nem sempre essa pessoa veio pra somar”. Uma pessoa do grupo disse: “Não houve reciprocidade”. Outra reafirmou: “Falta a reciprocidade”. E outra pessoa complementou a interpretação com o seguinte: “E às vezes, leva um longo tempo pra pessoa se dá conta né? Ali ela já tinha tecido o tapete todo quando ela se deu conta disso, né? Que ela não tava mais vivendo o que ela gostaria, o que era o sonho dela”.

Teve um participante que levou sua fala para outro aspecto da vida, ele explanou ao grupo assim: “Essa questão de castelo, por exemplo, tem uma coisa que

se comenta de que as pessoas que moram em castelo, por exemplo, o castelo tem quarenta suítes, mas na realidade eles usam um quarto, uma sala e uma cozinha. Então, na maioria dos castelos, foi feita uma pesquisa que o proprietário do castelo, na verdade ele não usa o castelo, ele poderia morar numa kitnete já supriria a situação dele, mas ele, pelo dinheiro, pela ostentação né, ele tem aquele castelo, aquela despesa toda pra poder ostentar”. Este participante refletiu sobre o Ter e não aproveitar tudo o que se tem. Viver de aparência e ostentação.

Puxando a linha da história lida e que estava sendo interpretada no coletivo, alguém falou que se tratava de uma “História profunda”, permitindo múltiplos olhares e entendimento, inclusive no tocante à torre do castelo tecido pela Moça Tecelã, pois esta torre era a representação do aprisionamento dela. Mas, todos concordam que ela foi corajosa em dar outro rumo para a vida dela. Sobre ser corajosa, alguém falou alto: “Foi! Muito!”. Pois, de acordo com alguém do grupo que mencionou sobre o marido já não ser uma pessoa presente, essa pessoa disse: “É por que ele foi fugindo dela mais e mais! Aí eles foram esquecendo da questão pessoal que era construir a família, né?”. A Moça Tecelã queria ter um marido, viver um grande amor e constituir família. Este foi um desejo não realizado.

Na sequência, entramos na conversa sobre o relacionamento e ser ele a via de mão dupla, de troca na relação, pois, do contrário caracterizaria cobranças de uma das partes, ou na palavra de uma participante, “Exigências”. Disso, surgiu a reflexão de que visto de fora da relação do outro tudo parece tão bom e belo. “Uma coisa que foi falado é que às vezes a gente acha que o jardim do vizinho é melhor, que o carro do vizinho é o mais bonito, que a casa do vizinho é mais grandiosa. Ou ele aparenta que ... sei lá que tá mais feliz ou mais rico. E a gente, às vezes, quer chegar numa coisa que a gente não é, supondo uma coisa que o outro também não é ... não tá tão bem, assim na vida”.

Voltamos a discutir o relacionamento e as dificuldades com a questão do perdão, do ato de resolver um problema e sobre o abraço ser um canal para o perdão. Foi dito que quando se dá um abraço é o momento que os corações se encontram. E no mesmo instante alguém falou: “se ele for sincero”! O que foi rebatido por outra pessoa: “Se a gente for pensar assim nunca vai fazer uma coisa dessa”! Entramos na discussão sobre dar o primeiro passo para o pedido de desculpas ou perdão. Afinal, alguém tem que ceder para que este processo aconteça.

Discutimos ainda sobre a figura, a personagem da Moça Tecelã e a atitude

libertadora constante na fala de um dos participantes: “Porque ali, por exemplo, ela foi corajosa, às vezes, na vida real, a pessoa percebe, mas não tem coragem de mudar de atitude, não consegue virar o jogo”. Levantou-se a questão de viver em um relacionamento triste, complicado, abusivo e a pessoa prejudicada neste relacionamento não decidir-se por se libertar deste ciclo vicioso e destrutivo.

O que percebemos neste aspecto é que muitas pessoas preferem fugir de alguma forma dos seus problemas e não buscam resolvê-los. O que foi criticado por uma pessoa do grupo, ao dizer: “Muda de lugar, mas não muda de atitude”. Esta pessoa quis esclarecer que por vezes pode-se sair de um relacionamento, de uma casa, de um lugar e ir para outro. No entanto, as atitudes continuam as mesmas e o que poderá levar a um novo ciclo abusivo e destrutivo neste novo relacionamento. Caso não haja mudança de ambas as partes. Pois o abusador continuará com sua prática abusiva com outras pessoas nos relacionamentos, enquanto o abusado/submisso poderá se continuar se colocando na posição submissa e sofrer novamente com uma relação destrutiva.

Para finalizar, expliquei mais uma vez sobre a Biblioterapia, os seus benefícios. Alguns participantes questionaram sobre a diferença entre a Biblioterapia Clínica e a Biblioterapia de Desenvolvimento (Educativa). Expliquei que a medicina, enfermagem, psicologia, psiquiatria e demais áreas da saúde podem utilizar da biblioterapia como coadjuvante nos tratamentos em seus pacientes. No entanto, não era meu objetivo como bibliotecário e aplicador de biblioterapia entrar nesta seara e mexer com cura física ou da mente. Meu objetivo era o de desenvolver o cognitivo, desenvolver a imaginação, a criatividade, desenvolver laços de amizade, desenvolver o autoconhecimento, entre outras possibilidades que o texto e a leitura possam promover.

No depoimento de um dos participantes, acerca da Biblioterapia, ele disse: “Na questão de Biblioterapia, também, eu estou lendo um livro que trata assim da psiquiatria e psicologia desde antes de Cristo assim. Então ali fala de que o conhecimento dos psiquiatras, Freud, todos os psiquiatras e psicólogos, eles se baseiam no conhecimento dos filósofos. Então, o conhecimento à base de Freud é baseado em filosofia e demais psiquiatras e psicólogos, porque essa filosofia ela é bem anterior, ela vem antes de Cristo, os filósofos já falavam vários temas sobre saúde e psicologias humanas. Então a filosofia não trata da terapêutica, mas é a base da psicologia e psiquiatria. Então nesses termos, o livro tem uma grande função

terapêutica, porque a pessoa viaja no livro, viaja no texto que o autor colocou”.

Este participante entendeu, a seu modo, que a função terapêutica da Biblioterapia de Desenvolvimento (Educativa) está na possibilidade de entrar na história e se permitir viajar e conhecer experiências, personagens, situações, problemas, resoluções de problemas de maneira segura e lúdica.

Outra participante se posicionou e explicou assim: “Quando você fala em Biblioterapia, me vem à memória que é uma terapia através da leitura, você chega na biblioteca, você vai ler evocê vai assimilar, vai ter a relação com aquele livro comparando o que você é, ou então, se corrigir em determinadas coisas que você acha que é errado. Agora se você for fazer uma Biblioterapia coletiva, então tem que ir um grupo na biblioteca, ler, estudar aquelas obras?”.

A seu modo, ela entendeu a Biblioterapia e os seus benefícios. Pois, ela entendeu que por meio dos textos é possível refletir e comparar comportamentos e verificar o que é certo ou errado dentro das normas aceitas pela sociedade. Sendo possível corrigir ou não este modo de agir.

Diante do adiantado da hora e do fim da vivência de Biblioterapia, eu indiquei a leitura do livro “A livraria mágica de Paris”, da autora Nina George para eles lerem esta história que possibilita conhecer uma vivência de Biblioterapia. Depois terminei a vivência com a leitura do texto “O homem trocado” do autor Luis Fernando Veríssimo, que provocou o riso como catarse. Alertei que na Biblioterapia é um pretexto para a conversa sobre temas diversos.

Agradei a oportunidade de conhecê-los e viver a experiência com eles. Me despedi de um por um. Percebi que os participantes gostaram de ouvir as histórias, acharam interessante a participação na interpretação coletiva da história de Marina Colasanti. Alguns alunos vieram me dizer que gostaram muito, outros pediram indicação de livros para o grupo ler em conjunto. A monitora da professora da disciplina conversou comigo e mencionou que gostou da experiência. A oportunidade promoveu encontros e reencontros, e assim a Biblioterapia escreveu mais um capítulo de sua longa história.

3 Considerações finais

Com o intuito de aplicar a Biblioterapia de forma prática e vivencial para

verificar o desenvolvimento do método biblioterapêutico descrito por Caldin (2001) em seu artigo, posso dizer que este objetivo foi alcançado. Tendo em vista que foi desenvolvida a vivência de Biblioterapia no NETI/UFSC, com um encontro entre o texto biblioterapêutico e os ouvintes. Sendo o texto *A Moça Tecelã* de Marina Colasanti e os participantes, os alunos matriculados na disciplina do NETI/UFSC. Momento este em que foi possível interagir e dialogar sobre a leitura da história. A interpretação livre ocorreu e comentamos sobre diversos aspectos da vida cotidiana que puderam ser apontadas nos assuntos trazidos pela leitura de *A Moça Tecelã*.

Considerando que a Biblioterapia é a oportunidade de conversa e diálogo proporcionada pelo texto de leitura dirigida, permitindo a livre interpretação e expressão das pessoas sobre seus sentimentos ao ouvir a história, podendo ocorrer ou não a catarse, identificação, introspecção e humor (CALDIN, 2001). Diante desta explanação, observei que alguns benefícios da Biblioterapia puderam ser destacados pelas falas dos participantes, como alguns exemplos, cito: como conhecer experiências, libertar sentimentos e emoções, encorajar as pessoas, ampliar a visão de pontos de vistas; aumentar a auto-estima; diminuir a timidez; fortalecer as relações humanas; auxiliar no convívio; autorizar a interpretação; permitir a expressividade; induzir à reflexão; permitir a interação; possibilitar a troca e compartilhar experiências e saberes; ajudar a entender as emoções; fazer-nos ter conhecimento de nós mesmos; aumentar a sensibilidade social, entre outros (RATTON, 1975; BUENO, CALDIN, 2002; CALDIN, 2002; PINTO, 2005; SEITZ, 2005; LIMA, CALDIN, 2013; FONSECA, 2014).

A Biblioterapia vivenciada pelo grupo do NETI/UFSC teve como texto principal *A Moça Tecelã* e beneficiou aos envolvidos com condições para falar, conversar, dialogar, questionar, trazer exemplos de vivências e experienciar o convívio e perceber os múltiplos olhares das pessoas sobre temas como relacionamento, cobiça, família, etc. Diversos benefícios foram apontados por meio das falas dos participantes.

A vivência em Biblioterapia permitiu o convívio entre pessoas diferentes e com culturas e conhecimentos diversos. Colocou-nos diante de um problema social e nos possibilitou refletir sobre as soluções apontadas pelo texto e outras possíveis saídas daquela situação vivida pela personagem principal. Os participantes perceberam diversos aspectos da vida pessoal e social e analisaram a vida da

personagem com as suas próprias vidas. Eles comentaram sobre atitudes e mudanças, e ainda mencionaram a coragem como ponto de ação para a transformação social e pessoal.

Desta feita, posso dizer que o método biblioterapêutico apontado e descrito por Caldin (2001) funciona. No entanto, é preciso que o aplicador de Biblioterapia realize um planejamento de todo o processo, detalhando o desenvolvimento da atividade com a descrição detalhada sobre os seguintes aspectos: a) público alvo da pesquisa; b) textos utilizados na prática; c) forma de apresentação do texto; d) ambiente do encontro para a vivência; e) preparativos para aplicação da vivência; f) imprevistos; g) diálogo; h) interação.

Todas as etapas do método foram descritas na seção 2 deste relato de experiência. Percebi que todas foram desenvolvidas e eu trouxe os resultados no texto já apresentado. Assim sendo, acredito na potencialidade do texto, da leitura, da literatura e reforço a necessidade de bibliotecários, pedagogos e demais profissionais envolvidos com livro, leitura, literatura, educação, possam utilizar o método biblioterapêutico para trabalhar com os alunos, leitores, ouvintes, com histórias.

Nosso país, o Brasil, tem baixo nível de leitores. Muitos lêem muito, lêem diversos textos. No entanto, os livros têm os mais baixos índices de procura pela população para o entretenimento ou desenvolvimento pessoal ou profissional. Os problemas que afastam os leitores dos livros são diversos. Considero que cabe a cada um de nós, leitores e amantes dos livros e leituras possibilitarmos as condições para que o contato destes dois atores (livro-leitor) seja realizado de forma agradável e aprazível.

Conheça teu amigo, conheça teu vizinho, conheça a pessoa que está sempre perto de você e reconheça os interesses delas em assuntos os mais diversos possíveis e indique uma leitura que possa ir ao encontro de seus interesses. Não menospreze literatura alguma, contribua com indicação daquilo que você leu e conhece bem. Indique textos que te chamaram a atenção ou provocaram uma sensação agradável. Sempre lembrando que a cada leitor o seu livro. Por isso, a necessidade de antes de sair prescrevendo qualquer leitura, conheça os interesses temáticos dessas pessoas. Eu, por exemplo, sou um leitor que começou com leitura da Bíblia e estudos bíblicos. Depois conheci os gibis, passei pelos livros clássicos da literatura infantil e juvenil.

Tive um encontro com O Pequeno Príncipe, livro que me marcou. Li e leio muitos textos diferentes. O fundamental para mim é encontrar uma história que me faça refletir, rir, gargalhar, chorar, pensar, imaginar e sentir prazer na leitura. Permita-se ler o que você tiver desejo e curiosidade para conhecer.

Agradecimentos

Registro minha gratidão à Sigrid Weiss, que fez a ponte com a professora do NETI/UFSC . Sou também grato à Patrícia, professora do NETI/UFSC. Imensamente registro minha felicidade em conhecer a turma, que de maneira especial e atenciosa me ouviram e comigo participaram de tudo o que foi proposto. Obrigado às professoras do Departamento de Biblioteconomia da UFSC: Clarice Fortkamp Caldin e Marli Dias de Souza Pinto, por acreditarem em mim e em meu profissionalismo para junto com elas trabalhar e desenvolver as atividades da disciplina. Foi uma sintonia muito agradável com todas essas pessoas e por isso senti a necessidade de escrever e deixar perene este escrito.

Referências

ANÔNIMO. O gasto de luz. In: ANÔNIMO. Histórias para ler sem pressa. Tradução do árabe por Mamede Mustafa Jarouche. Ilustrações [de] Andrés Sandoval. 1. reimpr. São Paulo: Globo, 2008.

BENTES PINTO, Virgínia. A Biblioterapia como campo de atuação profissional para o bibliotecário. *Transinformação*, Campinas, 17(1): 31-43, jan./abr., 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862005000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso: 5 dez. 2018.

BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da Biblioterapia em crianças enfermas. *Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/372/445>. Acesso: 5 dez. 2018.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: Biblioterapia. *Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, ISSN 1518-2924, Florianópolis, Brasil, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>. Acesso: 5 dez. 2018.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência. *Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecono. Ci. Inf.*,

ISSN 1518-2924, Florianópolis, Brasil, n. 14, p. 38-54, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n14p38>. Acesso: 5 dez. 2018.

COLASANTI, Marina. A Moça Tecelã. Bordados de Ângela, Antônia, Zulma, Marilu, Martha e Sávaia Dumont. Desenhos de Demóstenes Vargas. 14. reimpr. São Paulo: Global, 2017. (Coleção Marina Colsanti).

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FONSECA, Karla Haydê Oliveria da. A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 19, n. 1, p. 6-12, jan./jun., 2014. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/841>. Acesso: 5dez. 2018.

LIMA, Daiana de; CALDIN, Clarice Fortkamp. Aplicação da Biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 18, n. 1, p. 599-622, jan./jun., 2013. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/872>. Acesso: 5 dez. 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. Biblioteca do pensamento moderno.

NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade. Apresentação. Disponível em: <http://neti.ufsc.br/apresentacao/>. Acesso em: 5 dez. 2018.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 4 (2), p. 198-214, set. 1975. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000002656/0b3da86eac29ee0efde1c066b4026a84/>. Acesso: 5 dez. 2018.

SEITZ, Eva. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. BTD: Educação temática digital, Campinas, v. 7, n 1, p. 87-102, dez., 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/598>. Acesso: 5dez. 2018.

SHRODES, Caroline. Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California, Berkeley. Fotocópia.

TULLET, Hervé. Aperte aqui. Ilustrações [de] Hervé Tullet. Tradução [de] Elza Mendes. 2. impr. São Paulo: Ática, 2015. (Coleção Giramundo).

VERÍSSIMO, Luis Fernando. O homem trocado. In: VERÍSSIMO, Luis Fernando. Comédias para se ler na escola. Apresentação e seleção de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.